

Crianças do futuro, um olhar para o passado: um relato de experiência no Centro Social Reconstruir a Vida

Felipe Tavares Caetano
Ailton Pereira Morila

Resumo: Este trabalho apresenta as vivências do Estágio Supervisionado em Educação em Contextos não Escolares, do Curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, realizado no Centro Social Reconstruir a Vida, no município de São Mateus – ES. O objetivo do trabalho desenvolvido era de fazer um resgate histórico cultural, junto das crianças acolhidas pelo Centro Social, para que assim, trabalhássemos a valorização do espaço que se compreende como Sítio Histórico de São Mateus – ES, localizado no bairro Porto. Para tal finalidade, utilizamos como suporte teórico Gohn (2010), que sustentou nossa pesquisa no que diz respeito a educação em ambiente não formal, Freire (2014), para trabalhar a relação dos temas geradores relacionando as necessidades do grupo, e para essa noção de construção coletiva e autogestão, trouxemos Gallo (1997), dentre outros autores que tratam sobre Cultura, Patrimônio, e que fizeram trabalhos a cerca do local onde se deu este projeto.

Palavras Chave: Educação não formal; Autogestão; Cultura; Patrimônio histórico; Estágio Supervisionado.

Children of the future, a look at the past: an experience report at the Reconstruir a Vida Social Center

Abstract: This work presents the experiences of the Supervised Internship in Education in Non-School Contexts, of the Pedagogy Course, at the Federal University of Espírito Santo - UFES, carried out at the Centro Social Reconstruir a Vida, in the municipality of São Mateus – ES. The objective of the work carried out was to carry out a historical cultural recovery, together with the children hosted by the Social Center, so that we could work on valuing the space that is understood as the Historic Site of São Mateus – ES, located in the Porto neighborhood. For this purpose, we used as theoretical support Gohn (2010), who supported our research with regard to education in a non-formal environment, Freire (2014), to work on the relationship of generating themes relating the needs of the group, and for this notion of collective construction and self-management, we brought Gallo (1997), among other authors who deal with Culture, Heritage, and who have done work on the place where this project took place.

Keywords: Non-formal education; Self-management; Culture; Historical heritage; Supervised internship

Introdução

O presente trabalho, tem como objetivo relatar as vivências do Estágio Supervisionado da disciplina Educação em Contextos não Escolares, do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES/CEUNES. Este estágio foi realizado no Centro Social Reconstruir a Vida, na cidade de São Mateus – ES, bairro Sítio Histórico – Porto. Fundado em 28 de agosto de 2014, o Centro mantém suas atividades diárias. Sua história tem origem no ano de 2004 quando a hoje assistente administrativa, Joana, ainda prestava serviços voluntários para a Pastoral do Menor. Joana relata que, durante uma de suas atuações nas abordagens de jovens que trabalhavam na rua como flanelinhas e ou vendendo produtos no sinal, um casal de nacionalidade italiana, estava a passeio em São Mateus, e presenciou o seu trabalho através da Pastoral, e isso os teria motivado em sua volta à Itália, a criar uma Organização Não Governamental (ONG) chamada de Dança da Vida, que deu origem anos depois, ao Centro Social aqui na cidade de São Mateus – ES.

No ano de 2005, o casal italiano, entrou em contato com a Pastoral oferecendo auxílio financeiro, e a Pastoral seguiu realizando o trabalho com os jovens até o ano de 2009. Foi nesse mesmo ano, que o Projeto Araçá passou a ser responsável pela gestão do projeto que estava sendo financiado, e ganhou uma sede que se localizava próximo à Igreja Velha, no Centro de São Mateus – ES. Em 2012 o Centro Social foi transferido para o Bairro Porto, onde segue suas atividades desde então de forma oficial.

O Centro Social Reconstruir a Vida, atende crianças e adolescente da comunidade do bairro Porto, no contraturno da escola, ou seja, os alunos que estudam no turno da tarde frequentam o Centro durante a manhã e vice-versa. As crianças tem acesso a diversas atividades educativas (apesar de se tratar de um ambiente não formal), de modo que as crianças são auxiliadas nas atividades de casa que são trazidas da escola, e isso se justifica no fato de que muitos pais, não tem disponibilidade para prestar esse apoio em casa e alguns infelizmente não são alfabetizados, assim o Centro acaba tomando para si essa responsabilidade. Entretanto, também conta com atividades como Capoeira, Dança, participam de oficinas de artesanato, pintura, algumas atividades também de conscientização são feitas em datas sazonais específicas.

O centro também recebe estagiários, alunos e professores de cursos de graduação que queiram desenvolver algum projeto com as crianças e adolescentes.

O primeiro contato que tive com o Centro Social, já me apresentou uma realidade bem distinta da que encontramos nas escolas. Um dos pontos que evidenciou isso, foi que a organização é feita de forma menos formal, porém, aparentemente sem um critério bem definido. Não quero com isso, dizer que se faz necessária uma organização padrão/tradicional, mas até mesmo para uma prática mais lúdica e horizontalizada, necessita-se de uma gestão, ainda que ela seja feita de forma coletiva nos moldes da autogestão¹, sem imposições.

As crianças quando chegam, são acolhidas com um café da manhã, e logo após isso são divididas entre as que vão permanecer na sede do Centro Social, para realizar os trabalhos de casa que são passados na escola, e as que irão para as oficinas. De modo geral, as que não tem atividades escolares vão, e as que ficam, conforme concluem as tarefas também são liberadas. Me antecipando um pouco, posso dizer que essas atividades, de início, acabaram sendo um ponto que dificultou um pouco o desenvolvimento do projeto.

Observei a rotina das crianças e dos funcionários do Centro Social, conversei sobre a história do local, também conversei com as crianças sobre as impressões que elas tinham de lá, e claro, todas disseram gostar muito. Reservei alguns momentos, para me ambientar, e nessa etapa, pude perceber que apesar de estar em um centro histórico, que geralmente são patrimônios muito bem geridos, cuidados, incentivados no que se refere ao turismo, o Porto de São Mateus, infelizmente encontra-se abandonado pelos gestores do Município e do Estado. Não é necessário muito tempo para perceber como a ação do tempo e humana, ajudaram no processo de “decomposição” estrutural e histórica. Muitos dos casarões, incluindo o que está em posse do Centro Social, estão em um estado de conservação preocupante. Paredes caindo, portas quebradas, pintura quase que inexistente em muitas partes, rachaduras em quase todas as paredes. O que não foi vítima do tempo, acabou sendo da ação humana. Essa crítica, acaba sendo muito difícil de ser feita, afinal, em um bairro periférico, em que a única ação Municipal e ou Estatal que é feita lá, é o patrulhamento Policial, cobrar

¹ Podemos pensar em vários modelos de autogestão, sendo um deles possível o descrito por Silvio Gallo (1997).

consciência histórica ou política da comunidade local, acaba sendo quase impossível.

Em algumas conversas com a gestora, concluímos que sim, a comunidade sabe o que foi o Porto de São Mateus, mas não fazem esse processo de reflexão sobre a importância histórica do Bairro, eles acabam tendo preocupações mais emergenciais do que refletir sobre um “bairro antigo”. Os moradores, observam as visitas, pessoas de fora que outrora se maravilhavam com os casarões e os museus que haviam em seus interiores, mas que para eles (moradores) pouco foram apresentados. A partir dessas conversas e reflexões, surgiu a ideia de um trabalho que pudesse resgatar então essa história, e apresentá-la para a comunidade e para os novos visitantes. A importância desse resgate, se dá pela valorização da cultura de um povo, que vem sendo apagada sistematicamente, desde que foram abandonados à própria sorte ao fim do período da escravidão. Movimentar a cultura local e buscar essa ancestralidade, é uma forma de não deixar a população esquecer do passado, para que histórias como as da escravidão, não se repitam. Essa proposta vai de encontro ao que Gohn (2010) diz:

A escolha dos temas geradores dos trabalhos com uma comunidade não pode ser aleatória ou pré-selecionada e imposta do exterior para o grupo. Esses temas devem emergir a partir de temáticas geradas no cotidiano daquele grupo, temáticas que tenham alguma ligação com a vida cotidiana, que considere a cultura local em termos de seu modo de vida, faixas etárias, grupos de gênero, nacionalidades, religiões e crenças, hábitos de consumo, práticas coletivas etc. (GOHN, 2010, p.51)

Então nos reunimos em roda de conversa, e depois de muitas sugestões interessantes, tanto equipe do Centro, quanto as crianças, convergiram na ideia de montar grupos de Guias Turísticos, encabeçados pelas crianças, e supervisionados pelos colaboradores. A necessidade de dar uma devolutiva para a comunidade estava sendo sanada ali. É válido ressaltar que, a intenção do projeto que nós havíamos criado, não partiu apenas da necessidade de devolver essa história para os moradores da localidade, apesar de ser sim o objetivo principal, mas também veio da necessidade de se criar um trabalho que pudesse ser apresentado para os mantenedores do Centro que virão visita-los para uma comemoração em agosto. Deste modo, esse projeto será muito interessante, visto que, as próprias crianças irão apresentar sua comunidade e principalmente

o sítio histórico para os visitantes. Recuperando também o apreço pelo patrimônio histórico. (Lemos, 2017).

Revisão de literatura

Para este projeto, buscamos uma alternativa que fosse na contramão da educação formal hierarquizada e pouco dialógica. A intenção era de que todos tivessem papel ativo e que as atividades fossem propostas a partir das vivências e das necessidades do grupo envolvido, ou seja, não seriam apresentadas soluções previamente pensadas, elas deveriam partir das observações e situações problema que se apresentassem ao longo do percurso. Ainda que os participantes tivessem um determinado interesse por trás do objetivo do projeto, ele não era necessariamente o norte da produção e tampouco era um objetivo engessado, e isso se comprovou ao longo da execução, apesar de termos feito um planejamento do que precisava ser produzido, surgiram outras necessidades no caminho e o grupo optou por tomá-las no momento em que surgiam, como as prioridades daquele tempo. Assim, adotamos a educação Desinteressada, no conceito trazido por Gramsci, como um caminho para que pudéssemos construir nosso projeto, para Nosella e Azevedo (2012):

Portanto, para Gramsci, o termo 'desinteressado' conota um horizonte cultural amplo, de longo alcance, que interessa objetivamente não apenas a indivíduos ou a pequenos grupos, mas à coletividade e até à humanidade inteira. (NOSELLA; AZEVEDO, 2012, p. 27).

Estar imerso no ambiente que seria objeto de estudo para a produção do projeto, teve um valor enorme no que se refere principalmente, aos relatos de experiência (história oral), e por estarmos em contato direto com a parte material, por exemplo, os casarões, o rio por onde chegavam as embarcações com os escravizados. A parte arquitetônica tem um papel magnífico, pois ela deixa de lado o abstrato e materializa tudo aquilo que estamos pesquisando. Assim, ter a possibilidade de observar de perto, sentir as texturas, perceber os detalhes que foram marcados ali ao longo de todos esses anos, torna a experiência mais viva, e cria de fato uma relação íntima com o que estamos construindo. A identificação com as histórias, e o possível sentimento de pertencimento, tornam a experiência mais real. Ponce (2007), aponta que nas comunidades antigas, as crianças aprendiam a partir da prática, e não somente com as explicações dadas pelos

adultos, assim, o processo de formação se dava de forma mais significativa, e colocava as crianças até certo ponto, em igualdade com os adultos:

Para aprender a manejar o arco, a criança caçava; para aprender a guiar um barco, navegava; as crianças se educavam tomando parte das funções da coletividade. E, porque tomavam parte das funções sociais, elas se mantinham, não obstante as diferenças naturais, no mesmo nível que os adultos. (PONCE, 2007, p. 19)

Deste modo, as crianças participantes do projeto, tem a possibilidade de significar as aprendizagens que elas estão construindo de forma coletiva, e para o projeto que busca fazer um resgate histórico, esse processo tem grande valor.

Experiências vivenciadas

Durante a escrita do projeto e do relatório, nas vivências diárias com as crianças frequentadoras do Centro Social e com os funcionários, pude expandir minha visão sobre de fato o que é fazer parte da história. Antes de iniciar o estágio, eu havia ido ao bairro Porto somente em duas ocasiões, uma delas quando mais novo, acompanhado dos meus familiares e ainda sem compreender do que se tratava aquele espaço, e na segunda oportunidade, já mais velho, fui com um grupo de amigos para participar de uma festa. Em ambas as situações, eu não consegui enxergar o que estava a minha volta, na verdade, durante minha segunda visita, que se deu no período noturno, estávamos até com um certo receio, pois o bairro, hoje, é considerado periférico e com questões relacionadas à crimes. Apesar de sempre ter me dedicado a questões de valorização cultural, e gostar muito de visitar museus, bibliotecas, eu não me dei conta de que eu estava imerso em um local que era e é essas duas coisas.

O sítio histórico do Porto de São Mateus – ES, é um veio aberto de cultura e ancestralidade, até por isso, faço minhas análises com um pouco de receio, afinal, sou apenas um visitante que tenta compreender os processos vivenciados ao longo desses anos todos de existência do local. Minhas duas visitas antes do estágio, apesar de não terem me dado uma perspectiva real, me abriram uma porta. Quando iniciei o estágio, fiz a proposta para mim mesmo de tentar perceber aquele espaço de forma diferente, e o **Centro Social Reconstruir a Vida**, foi um vetor importantíssimo nesse processo. Fui recebido por pessoas que compreendem e valorizam cada centímetro do espaço ao qual elas se

inseriram, a equipe responsável pelo Centro, aborda uma perspectiva de projetos que possam realmente devolver para a comunidade um pouco do que lhes foi tomado a muito tempo. Sobre isso, me refiro a um contexto histórico, em que os povos escravizados foram tirados a força de seus países de origem, trazidos de formas execráveis para cá, e isso não é ponto de debate pois sabemos como essa época foi cruel com os negros e os povos indígenas, e culminou na nossa sociedade estruturalmente racista de hoje. Não satisfeitos, os brancos, colonos, deixaram esses povos marginalizados, sem acesso a direitos básicos, o Porto que após o fim da escravidão, estava sendo usado para comércio de farinha de mandioca, teve suas atividades transferidas para a “cidade alta”, e os casarões se transformaram em cabarés, ficando assim, marginalizado e anos mais tarde, essas atividades foram encerradas pelos militares na ditadura de 1964 (Marques, 2019). O que pretendo destacar com esses apontamentos, é que a história do Porto, sempre esteve ligada ao abandono. Hoje, os casarões que outrora eram sedes de museus e bibliotecas, encontram-se fechados e negligenciados pelo poder público. A primeira reação possível quando se chega ao Porto com a intenção de uma compreensão histórica é: Onde estão os turistas? Os artesãos? O movimento que geralmente existe em todos os pontos turísticos mundo afora? A partir desses questionamentos, fica impossível não relacionar ao que foi apontado no parágrafo acima.

A ideia do projeto, surge dessa inquietação, de um desejo dos gestores do Centro, principalmente e, também das crianças, de resgatar esse espaço e não deixar que a história dali se apague. Apesar de parecer muito poético e até utópico, é nítida a inquietação de todos que fazem parte do Centro Social, em não deixar esse espaço definhando. Para Freire (2014), é assim que devem surgir os temas geradores, eles devem partir do cotidiano e das necessidades do grupo, e não trazidos de fora e impostos de forma individual e verticalizada. Surgiu então a ideia de criar grupos de guias turísticos para fomentar a cultura local, esses guias seriam as próprias crianças participantes do projeto, que ficaram muito empolgadas com a proposta.

Atividades realizadas



Figura 1 – Roda de conversa, onde buscamos compreender o papel dos guias turísticos e iniciar as pesquisas acerca do espaço Porto.

Esse foi um momento muito especial, as crianças me surpreenderam positivamente ao contarem inúmeras histórias sobre o bairro, sobre as batalhas travadas no rio Cricaré. Foi um momento de muito aprendizado, eu particularmente, não estava familiarizado com mais da metade do que foi dito ali pelas crianças e, apesar de faltarem alguns nomes dos personagens históricos que inevitavelmente elas esqueciam, a forma como contavam, demonstrava um nítido interesse pela temática. Todas tiveram oportunidade de falar o que sabiam, levantar dúvidas, conjecturar sobre como possivelmente as coisas aconteceram e a partir disso, se motivarem a buscar as versões reais. Para não ser tendencioso, nem todas quiseram falar a priori, mas já era de se esperar, afinal, foi nosso primeiro momento juntos para poder falar e ser ouvidos um de cada vez, então a timidez acabou sendo um impedimento para algumas poucas crianças, e isso naturalmente foi respeitado, e deixado a cargo delas definir de que modo iriam contribuir para o projeto.

Confecção de materiais de estudo



Figura 2 - Pesquisa de campo para observação do espaço, compreensão dos detalhes, com o intuito de dar uma nova dimensão ao entendimento que todos tinham não só da história, mas também do espaço físico.

A confecção dos materiais para estudo, se deu a partir de uma necessidade apontada em uma de nossas rodas de conversa, de conhecer melhor o espaço que seria apresentado pelos guias. Nessa conversa, chegou-se à conclusão de que apesar de todos ali conhecerem o espaço Porto, eles nunca tinham olhado realmente para ele. Conversamos sobre as formas de olhar para um local, as formas de se perceber as nuances, as cores, os cheiros, o clima. Uma das disciplinas da grade do curso de Pedagogia, é a de História e Geografia, e foi nessa disciplina que eu aprendi a trabalhar as questões de percepção, e esse conhecimento foi fundamental para nortear essa atividade. Saímos então para observar a paisagem local, as crianças ficaram livres para analisar os locais que fossem de seu interesse, e ao regressarmos para a sede do Centro Social, socializamos que havíamos percebido e após isso, fizemos textos e desenhos para registrar o momento e tudo que nos chamou atenção.

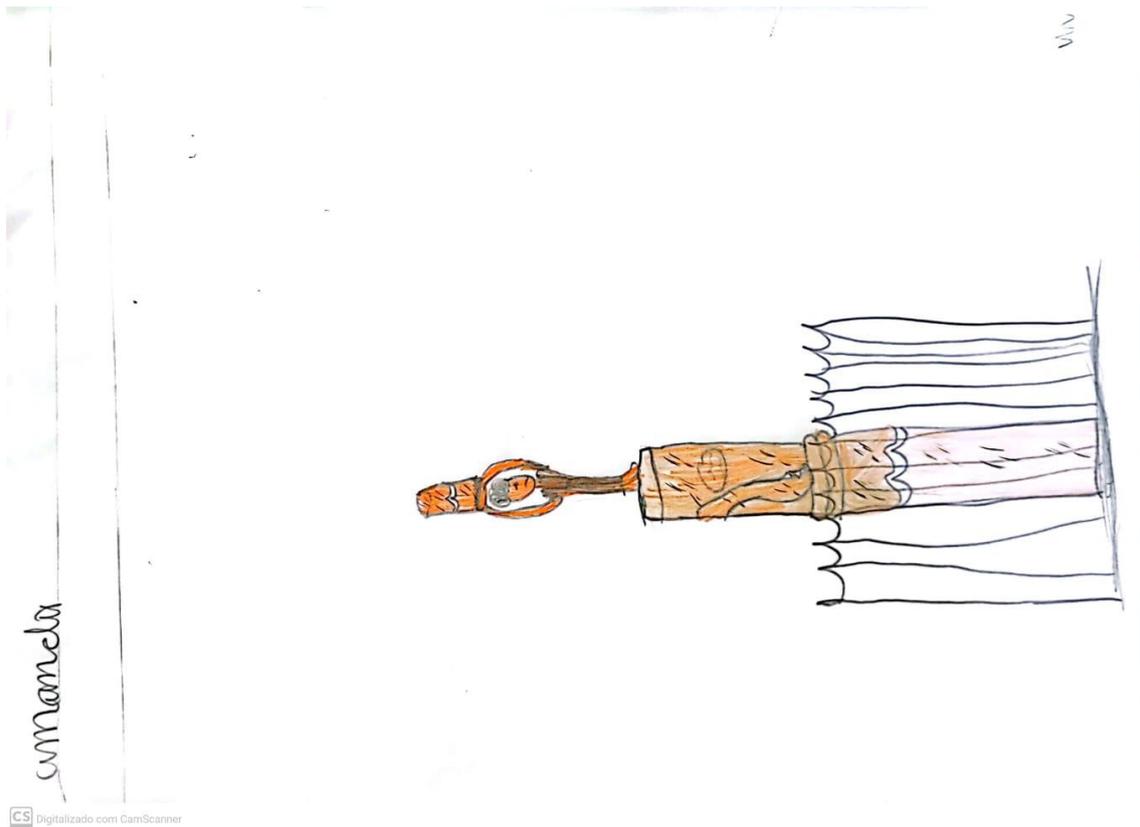


Figura 2.1 - Gostaria de destacar esse desenho, pois, a criança que o fez, disse (me permitindo parafraseá-la) nunca ter se dado conta de que na fonte, havia essa figura segurando um balde, e foi a partir da atividade de percepção que ela pode tomar conhecimento disso.



Figura 2.2 - Mais uma vez parafraseando a criança responsável pelo desenho, o mesmo relatou que achou importante dar destaque para o rio Cricaré, que assim como os casarões, também possui relevância, afinal, ele foi o principal caminho de chegada e saída do Porto de São Mateus – ES.

Tentativa de elaboração do roteiro turístico



Figura 3 – Tentativa inicial de criar um roteiro para a visita guiada, quais casarões seriam apresentados, ordem da visitação, em que lugar ela se encerraria, quais histórias seriam contadas, etc.

A etapa de se criar um roteiro turístico, talvez tenha sido mais divertida, afinal, todas as crianças queriam colocar suas ideias e foi preciso pensar de forma coletiva, para que se chegasse a um ponto comum entre as ideias de todos. Foram escolhidos 3 (três) locais que obrigatoriamente fariam parte do roteiro, o casarão onde funciona o Centro Social, o Chafariz, e o Cais do Porto. O casarão onde funciona o Centro Social, ficaria por último, pois lá teria uma surpresa extra para os visitantes, a exibição do museu que eles mesmos iriam produzir junto a outra estagiária que também estava elaborando um projeto para resgate cultural. Apesar das discussões, não conseguimos chegar a um resultado final até o presente momento, e é importante ressaltar que o projeto ainda está em construção.

Atividades não previstas, porém, realizadas



Figura 4 – Entulhos encontrados em um dos quartos do casarão ao lado da sede do Centro Social. Nele foram encontradas diversas peças históricas, principalmente, fotos e quadros. Também foram achados documentos datados de vários anos, o mais antigo catalogado por nós era de 2009, então não se enquadra nos itens históricos.

Esse casarão ao lado, foi anexado ao Centro Social, e nele foram encontradas diversas peças que deveriam estar nos museus, porém, foram abandonadas ali e amontoadas com todo tipo de lixo. Nos entristeceu muito ver o descaso com que as autoridades tratam o patrimônio histórico do nosso município e, em paralelo, a tristeza dos funcionários do Centro, ao verem essa parte da história sendo deliberadamente pagada. Começamos um trabalho de recuperação e catalogação das peças encontradas, contudo, pelo avançado estágio de decomposição de muitas das obras, optamos por não mexer muito, e apenas separar o que era lixo, do que era patrimônio histórico e cultural. Fizemos um trabalho de conscientização com as crianças nessa etapa, pois é importantíssimo que elas compreendam a gravidade da situação encontrada, para que também abrisse seus olhos para o todo da comunidade.



Figura 4.1 – Uma das crianças do Centro Social, observando uma das fotos encontradas em meio aos entulhos.

Considerações finais

A partir de tudo que foi vivenciado, tivemos a oportunidade de dar início a um projeto que, nas palavras dos próprios participantes, servirá de ponto de partida para que a comunidade e os visitantes possam compreender as dimensões históricas e passem a se indignar com a situação de descaso encontrada no bairro Porto. O primeiro passo para isso, é o entendimento e a valorização não só da estrutura, mas das vidas humanas que passaram por ali, que foram violentamente trazidas e depois deixadas a própria sorte, e que hoje, formam a comunidade local. O projeto ainda está em andamento, mas já demonstrou ter uma relevância significativa para todos os participantes e em breve, para os que serão impactados com os resultados dele.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Editora Paz e Terra, 2014.
- GALLO, Silvio. *Pedagogia libertária: princípios político-filosóficos*. PEY, Maria Oly (org). **Educação Libertária: textos de um seminário**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1997.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio histórico**. Brasiliense, 2017.
- MARQUES, Adilson Bulado. **Ensino de história local e patrimônio: o caso do sítio histórico porto de São Mateus**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica), UFES.
- MARQUES, Adilson Bulado. **Ensino de história local e patrimônio: o caso do sítio histórico porto de São Mateus**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica), UFES.
- NOSELLA, Paolo; AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. A educação em Gramsci. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 15, n. 2, p. 25-33, mai./ago. 2012.

PONCE, Aníbal, 1898-1938 **Educação e Luta de Classes** / Aníbal Ponce, tradução de José Severo de Camargo Pereira. - 18. ed.- São Paulo: Cortez, 2001.

Sobre os autores

Felipe Tavares Caetano

felipe.caetano@edu.ufes.br

Acadêmico do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Universidade Federal do Espírito Santo (CEUNES/UFES).

Ailton Pereira Morila

apmorila@gmail.com

Doutor e Mestre em educação pela Faculdade de Educação da USP. Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Engenheiro Mecânico pela Escola de Engenharia de São Carlos - USP. Professor Associado da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro Permanente do Programa de pós-graduação em Ensino na Educação Básica. Pesquisador do Prometheus Núcleo de Estudos Críticos.